

Proseando

Pasárgada é logo ali!

Passei uns dias em um lugarzinho onde as pessoas conseguem escapar dos apelos consumistas e da vida agitada da sociedade líquida em que vivemos. Refiro-me à cidade de Conservatória – distrito de Valença, no Estado do Rio de Janeiro. Voltei desse passeio com uma vontade imensa de ficar por lá. A cidade respira música, poesia e arte; vive-se, ali, uma vida simples sem o culto ao excesso e distante da vida líquida; pessoas vivem e convivem num clima harmonioso que encanta a todos que chegam para visitar a cidade. A sensação de pertencimento foi tão boa que minha alma trouxe com ela a leveza e a paz daquele pedacinho do céu. Ali, envolvi-me na prosa com pessoas de uma simplicidade externa, mas recheadas de uma riqueza interior que eu as chamaria de patrimônio da humanidade.

Sou mestre na arte de observar. De anotar. De registrar. Chamou-me a atenção a paz das pessoas que residem na cidade; em cada prosa, um aprendizado. As casas simples com placas de poesias nas paredes eram um convite para embarcar para a Pasárgada brasileira onde nem precisa ser amigo do rei para ser feliz; aliás, nem sempre ser amigo do rei traz felicidade. Dizem que felicidade é isto: Aproveitar as coisas simples da vida no momento em que acontecem. Foi o que fiz. Ao som de serestas e de chorinhos, deixei que pessoas e acontecimentos inundassem minha alma de lembranças e de alegria. Lembranças daqueles que nos deixaram e alegria pela graça de vivenciar esses momentos tão intensamente que se tornarão inesquecíveis. Esses momentos trouxeram à tona fatos e emoções pretéritas!

Nas caminhadas, entre uma prosa e outra, meus olhos passeavam pelas calçadas, pelas ruas e a memória registrava cenas as quais há muito não via. Observei que, naquele pedacinho do céu, as pessoas não seguem os padrões da vida moderna em que, muitas vezes, as pessoas olham-se, mas não se enxergam; aliás, nem se olham de fato; só de relance. Lá, elas têm tempo de olharem-se; não com aquele olhar enviesado que sequer consegue perceber o que se passa na alma do outro. Voltei com a sensação de que as regras de convivência em Conservatória foram ditadas pelo coração: olhar pessoal pede olhar pessoal. A conversa real no lugar da virtual. A qualidade no lugar da quantidade. Tenho uma queda por lugares e por pessoas assim! É tudo muito, muito envolvente.

Não tenho dúvida de que alguns leitores me perguntarão: Como saber tanto em poucos dias? Fácil responder: na sua simplicidade, a cidade desenvolveu a magia de conversar. A arte de prostrar tão rara, e, por isso, tão necessária. Com sua licença, poeta Manuel Bandeira, vou pegar uma carona nos seus versos: Mas quando eu estiver triste /mas triste de não poder/volto para Conservatória/ cantinho do qual jamais vou me esquecer. Lá, é uma delícia; o pensamento voa. Lá, as pessoas caminham pelas ruas e quando cansam, sentam na praça para prostrar.

Pensei que Pasárgada só existisse na imaginação do poeta. Mas ela existe. É logo ali – onde meu corpo e minha alma, em sintonia, divertiram-se por alguns dias.

Bem diz o poeta: “O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem”.

Profª. Sueli Palma

Novidades do mês



Minha vida de menina
Helena Morley



Coração, cabeça e estômago
Camilo Castelo Branco



Vozes de Tchernóbil
Svetlana Aleksievitch

Citações

Em tempos de mundo virtual, eu ainda prefiro uma conversa real (**Srta Wrobel**).

O problema é que quero muitas coisas simples; então, pareço exigente (**Fernanda Young**).

Gente simples fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, consegue mudanças extraordinárias (**Provérbio africano**).

Não existe grandeza onde não há simplicidade, bondade e verdade (**Leon Tolstoi**).

É na simplicidade que encontramos a essência da vida (**Di Luchesi**).

Não existe grandeza onde não há simplicidade, bondade e verdade (**Leon Tolstoi**).

Sugestão Cultural

Filme: O resgate do soldado Ryan – Durante a Segunda Guerra Mundial, o alto comando do exército descobre que quatro irmãos Ryan estavam nas forças armadas e que três deles foram mortos. O capitão John Miller é designado para salvar o último soldado da família Ryan que está vivo e tirá-lo da zona de conflito. Durante a missão, ele e seus soldados têm de enfrentar os inimigos e seus próprios medos.

Direção – Steven Spielberg

Ano – 1998

País – EUA

Sugestão de Leitura – Sueli Brás Monteiro da Palma, professora corretora de Redação, indica a leitura do livro Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear, de Svetlana Aleksievitch. Por meio de vozes de soldados, de médicos, de viúvas e de moradores todos debilitados, a autora relata a explosão na usina nuclear de Tchernóbil, ocorrida em 1986. Mais grave que o acidente foi a postura dos governantes que não só omitiram informações sobre o fato como também levaram à morte homens que trabalhavam nos reparos das usinas e pessoas que moravam na região. Svetlana ganhou o Nobel de Literatura em 2015 por "seus escritos polifônicos, um monumento ao sofrimento e à coragem.

Felicidade é isto: saber aproveitar as coisas simples da vida no momento em que acontecem.

(Sueli Palma)



Texto do mês

BOM PAPO – Ayrton Correa

Estava sentado sem fazer nada; apenas observando a paisagem e com o pensamento em repouso. Afinal, há momentos que é bom se entregar à árdua tarefa de não fazer absolutamente nada. E eu estava assim quando ouvi, sem querer, alguém falar em bater papo. Conversar. Jogar conversa fora. Meu cérebro, coitado, que estava em repouso, acordou de repente. Assustado. Fazia tempo que não ouvia ninguém fazer um convite daquele. Era comum ouvir: “Vamos jogar vídeo game”, “vamos dar um role”, ou “vamos pegar um cinema”. No entanto, “Vamos bater papo” fazia muito tempo, realmente, que não ouvia ninguém dizer.

Pronto. Acabaram com o meu repouso. Confesso que senti uma pontinha de inveja por não poder participar daquela turma; fiquei imaginando aquela galera reunida no boteco da esquina, tomando uns refrigerantes e falando de tudo um pouco. Mulheres. Futebol. Corrida. Música. Cinema... ou à beira do campo de futebol, como era comum lá na minha vila, enquanto a bola corria solta no gramado. É, gramado sim senhor. Grama de verdade, daquela que, quando não havia jogo, servia de pasto para os cavalos. Bate-papo durante uma jogada de truco. Bate-papo em frente a um dos vários portões da minha rua. A conversa apenas começava e o grupo aumentava rapidinho, conversa jogada fora no campo de malhas, enquanto esperava a vez. Na porta do bar, perto da caixa d'água. Bate-papo na fila do cinema, no Vale do Sol e no pátio da igreja. Na quermesse. No colégio e na casa do vizinho.

O lugar era apenas um detalhe, o importante era aproveitar a oportunidade para bater-papo. Para falar de tudo um pouco sem se preocupar muito com o conteúdo. A seleção do assunto era natural; se agradava, durava horas. E não era costume só da vila não. Na cidade todo mundo conversava muito. As rodinhas formavam-se nos bares, na plataforma da estação ferroviária, na barbearia, na ponte, no banco da praça, no açougue e nas esquinas.

E eu, no meu canto, ouvia a turma combinando o horário em que a reunião com o bate-papo deveria acontecer. Eram mais ou menos quatro ou cinco pessoas. Todas jovens.

Fiquei imaginando que iriam para um barzinho ou mesmo para um shopping. Fiquei imaginando, também, aquele grupo se olhando, olhos nos olhos, trocando sorrisos e expressões. A animação da conversa, o clima contagiante do momento. É, pensei: Tal e qual lá na minha terra, no meu tempo. Nada de pressa ou de corre-corre. Amigos chegando. Aperto de mão. A alegria de se rever.

Eu já estava até ficando cansado de tanto imaginar, quando chega a hora da anunciada reunião. Eles começaram a sair, um a um. E, pelo que pude entender, ia cada um para sua casa.

Que pena, pensei, a reunião não deu certo. Confesso que estava ficando chateado quando me avisaram: “Vou ligar o micro que meus amigos já estão conectados para bater papo.” Eu devia ter imaginado. Era bate-papo pelo computador. Nada de reunião. Cada um na sua casa. Puxa, demorei para perceber. Também pudera. Fui pego de surpresa!

Colégio Anglo Cassiano Ricardo de Ensino Médio e Pré-Vestibular / Mantenedores: Anísio Spano e Saulo Daolio. Diretora: Mônica Yumi Kukita Gonçalves. Profª. Responsável: Sueli Brás Monteiro Palma. Revisão: Sílvia Mamede. Editoração: Caio Morotti Mello. Reprografia: Paulo Rogério de Faria. Sugestões: sueli@cassianoricardo.com.br Tel. 2134-9100. www.anglocassianoricardo.com.br - www.facebook.com/anglosaojose



Dicas gramaticais

Observem os verbos: O aluno **se** sobressaiu entre os demais. Combata o mosquito da dengue, caso contrário ele pode **se** proliferar. - Tanto o verbo sobressair quanto o verbo proliferar são concebidos como intransitivos dispensando o uso do pronome **se**.
CORREÇÃO: O aluno sobressaiu entre os demais. / Combata o mosquito da dengue, caso contrário ele pode proliferar.

Para **aonde** vamos? – Se usamos a preposição **para** não precisamos da forma **aonde**.

CORREÇÃO: ou perguntamos **Aonde** vamos? ou **Para** onde vamos?

As águas **fruem** ou **fluem** para o mar? – **Fluir** tem significado de escorrer, escoar, passar o tempo, correr em estado fluido. **Fruir** tem significado de usufruir, ter prazer com, desfrutar.

CORREÇÃO: As águas **fluem** para o mar (correm para o mar). O trânsito **flui** normalmente durante a madrugada (escoa). Ele soube **fruir** dos melhores momentos de suas férias (desfrutar, gozar).

Termos em que, pede deferimento – qual o erro? Na vírgula – não se usa vírgula após o pronome **QUE**

CORREÇÃO: Nesses termos, pede deferimento (nesse caso, com vírgula) ou Termos em que pede deferimento (sem vírgula).

Ele **tinha chego** atrasado - A forma verbal **chego** é a conjugação da primeira pessoa do presente do indicativo; o correto é usar o verbo no particípio passado.

CORREÇÃO: Ele **tinha chegado** atrasado.

Vocês **fariam-lhe** um favor? – Não se usa pronome oblíquo átono (me, te, se, lhe, nos, vos, lhes) depois do futuro do presente e futuro do pretérito do indicativo ou particípio.

CORREÇÃO: Vocês **lhe** fariam (ou **far-lhe-iam**) um favor? / Ele **se** imporá pelos conhecimentos (ou **impor-se-á**), mas **nunca** imporá-se. / Os amigos **nos darão** um presente (ou **dar-nos ão**), mas nunca darão-nos. / **Tendo-me** formado (e nunca **tendo formado-me**).

O bom líder deve ensinar seus colaboradores a **executarem** as tarefas. – Não se flexiona o infinitivo com preposição que funcione como complemento de substantivo, adjetivo ou do próprio verbo principal.

CORREÇÃO: O bom líder deve ensinar seus alunos a **executar** as tarefas. / As mulheres conquistaram o direito de **trabalhar** fora de casa.

O jovem **foi comunicado** da greve escolar. – As pessoas não são comunicadas; os fatos é que são comunicados às pessoas.

CORREÇÃO: A greve escolar **foi comunicada** ao jovem.

Os funcionários foram comunicados do corte.

CORREÇÃO: O corte foi comunicado aos funcionários.

Algo será sempre comunicado a alguém.

Precisamos aumentar **ainda mais** os lucros. – Aumentar é sempre mais; não existe aumentar menos. São formas redundantes: aumentar mais/ aumentar muito mais/ aumentar ainda mais.

CORREÇÃO: Precisamos aumentar **muito** os lucros.

A seleção consiste de cinco etapas. – O verbo consistir é verbo transitivo indireto e requer complemento regido da preposição **em**.

CORREÇÃO: A seleção consiste **em** cinco etapas.

Preparamos o resumo para tirar **suas** dúvidas e **te** ajudar a estudar. – É comum em textos e em redações de alunos a mistura de pronomes nas diferentes formas. O correto é escolher um deles e mantê-lo em todo o texto sem alternância; ao utilizar **você**, evite as formas **te** e **teu** e demais variações.

CORREÇÃO: Preparamos o resumo para tirar **suas** dúvidas e ajudar **você** a estudar.

FONTES: contentools.com.br/ exame.abril.com.br/ dicasdiariasdeportugues.com.br/ g1.globo.com/educação.